

O “CLÁSSICO E SINGELO” JOSÉ DE CERQUEIRA TORRES

Luiz Alberto Ribeiro Freire
Prof. de História da Arte-EBA/UFBA-membro da ANPAP e do CBHA

Resumo

Esse artigo apresenta os dados sobre o mestre entalhador José de Cerqueira Torres, que viveu na Bahia até a década de 30 do século XIX e suas obras. Ele analisa do ponto de vista formal a sua principal obra ainda preservada, a talha da igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Salvador, a qual é considerada obra importante na reforma ornamental ocorrida na Bahia oitocentista e que inaugurou um tipo de retábulo novo e uma composição ornamental com elementos classicizantes e diferenciados.

Palavras-Chaves

ornamentação – entalhador – Bahia – Igreja – Século XIX

Abstract

This article features data about the woodcarver master José de Cerqueira Torres, who lived in Bahia in the thirties of the 19th century, and his oeuvre as well. It analyzes from a formal viewpoint his mainly and still preserved work, the wooden retable of Salvador's São Francisco Third Order Church which is considered an outstanding wood work in the ornamental remodel that took place in the Bahia's nineteenth century and that inaugurated both a kind of new retable and a ornamental composition with classic and distinguishable elements.

Keywords

Embellishment – woodcarver – Bahia – church – 19th century

A primeira metade do século XIX proliferou-se na Bahia excelentes entalhadores, responsáveis pela implantação na capital e no interior de uma nova estética ornamental, que por mais que tenha continuado a tradição da talha barroca e rococó apresentou elementos decorativos novos, composições dos interiores dos templos pausada e clara, e, uma renovação de conteúdo moral observável na nova proposta iconográfica.

Nesse ambiente extremamente competitivo, repleto de excelentes artistas dedicados a re-ornamentação dos templos católicos em que atuava os entalhadores José Nunes de Santana, Antônio de Sousa Santa Rosa, Antônio Joaquim dos Santos, Joaquim Francisco de Matos Roseira, Cipriano Francisco de Sousa, Francisco Hermógenes de Figueiredo, Luiz Francisco da Silva e Joaquim Ventura Esteves, José de Cerqueira Torresⁱ notabilizou-se a ponto do seu nome e a sua grande obra aparecerem mencionados no manuscrito anônimo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, intitulado “Noções sobre a procedência da arte da pintura na província da Bahia”ⁱⁱ e como sub-item “Noções sobre a escultura na Bahia”.

Desconhecemos o total de igrejas que a oficina do mestre Torres ornamentou com as suas talhas, nem a quantidade exata de retábulos e ornatos que executou para capelas e oratórios particulares. Confirmado temos a obra nova de talha da igreja da Ordem Terceira de São Francisco, ainda preservada, e a capela-mor da igreja de São Pedro Velho, demolida em 1913.

O artista não é mencionado por Manuel Querino no entanto nos estudos de Marieta Alves e Carlos Ott, sua presença se impõe pelas obras documentadas que liderou. Alvesⁱⁱⁱ além de aludir a obra de talha da igreja dos terceiros franciscanos de Salvador, faz referências a outros pequenos serviços desempenhados pelo entalhador como 50 castiças, quatro molduras para painéis e sete frontais para a mencionada Ordem; duas tocheiras e um círio pascal para o Convento do Desterro em 1819. Afirma ainda que o entalhador nasceu em Salvador em cerca de 1788, aí falecendo em 21 de março de 1838.

Ott confirma no seu fichamento do artista a realização da talha para os terceiros franciscanos entre 1827 e 1828^{iv} e a do Desterro e acrescenta ter o entalhador dirigido as obras de reparo dos retábulos da Ordem Terceira do Carmo entre fins de outubro de 1835 e 27 de fevereiro de 1836^v.

Pela última obra que fez o artista recebeu, segundo Ott, 140\$000 da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja de São Pedro Velho em 4 de julho de 1836 pela obra da capela-mor^{vi}. Pelo retábulo da capela-mor dessa igreja o mestre entalhador recebeu 372\$000 em 28 de setembro de 1836^{vii}, 506\$000 em 30 de março de 1836^{viii}.



Fig. 1 - Assinatura do mestre entalhador José de Cerqueira Torres colhida nos documentos da Ordem Terceira de São Francisco

Em 04 de outubro de 1838 o mestre já havia falecido e a irmandade pagou 1:900\$000 à viúva Maria Joaquina de Cerqueira da obra de talha que o falecido marido fez para os altares, arco cruzeiro, e capela-mor^{ix}, mais outro pagamento foi realizado pela mesma irmandade em 14 de outubro de 1838 no valor de dois contos de reis à viúva do artista, Maria Joaquina de Cerqueira Torres, o recibo foi assinado por Lucio José Gonçalves pela viúva e a filha, Olímpia de Cerqueira Torres, pois ambas eram analfabetas, como testemunha assinou o entalhador Simplício José da Silva^x, provável oficial que integrava a oficina do mestre.

O período de atividade documentada do entalhador Cerqueira Torres abrange de 1819 a 1838. Pouco antes de morrer, em 1837 morava a Rua da Alfândega^{xi}. Era irmão da Irmandade de N. Sra. da Conceição do Boqueirão entre 1807 e 1827, para a qual deu de entrada 6\$400 rs. e pagou continuamente as anuidades no período de 1807 a 1815^{xii}. Essa irmandade congregava muitos homens pardos e militares.

Com a destruição da Igreja de São Pedro Velho, a talha de Cerqueira Torres desapareceu sem que restasse registro fotográfico ou desenhado, contudo toda a talha realizada para a igreja dos terceiros de São Francisco permanece intacta e bem conservada.

A mesa administrativa da Ordem Terceira de São Francisco não abriu concorrência para a contratação das obras de renovação da talha de sua igreja. Por sugestão do ministro, o Capitão Francisco Xavier Leão, mandou-se o mestre entalhador José de Cerqueira Torres fazer o risco do retábulo da capela-mor e demais ornatos do arco-cruzeiro para dentro da referida capela^{xiii}.

O risco foi apresentado e aprovado na sessão de 24 de maio de 1827 e as obras ajustadas constando também do forro com todos os seus ornatos, duas grandes tribunas dos lados da capela-mor e o arco-cruzeiro com

a sua talha correspondente, tudo pelo preço de quatro contos de reis, que foram pagos em parcelas mensais de trezentos mil reis^{xiv}. O entalhador se comprometeu a trabalhar ininterruptamente até a conclusão da obra, a partir de seu princípio e a mesa facultou-lhe a guarda de materiais no claustro ou em outro lugar da Ordem^{xv}.



Fig. 2 - Vista geral do interior da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco - fotografia de Anibal Gondim

A segunda etapa das obras, que abrangeu a nave, foi contratada com o mesmo mestre entalhador quase um ano depois, na sessão do dia 4 de maio de 1828 por sugestão do ministro desse ano, Manoel José de Sousa Coutinho. As obras constaram de toda a obra de talha pertencente ao corpo da igreja, constando de seis retábulos laterais, observando-se que deveriam ser de elegante arquitetura, com quatro colunas cada um, seguindo o mesmo gosto da capela-mor, pelo preço de seis mil reis; dois púlpitos em gosto romano com suas cúpulas, bem entalhados por quatrocentos mil reis; a grade do coro, ornato do órgão, com as seis tribunas e sobre-portas (sanefas) por um conto quinhentos e sessenta mil reis; concertar e repregar o forro da igreja por quatrocentos mil reis; fazer de novo o forro por debaixo do coro, sem apainelado, acompanhado de novo arco bem guarnecido e entalhado por quatrocentos e quarenta mil reis; fazer as sobre-portas das entradas da igreja e as duas do coro por duzentos mil reis, totalizando toda a obra em nove contos de reis incluindo o assentamento, as ferragens necessárias e os andaimes que deveriam ser erguidos pelo entalhador e deixados para a Ordem^{xvi}.



Fig. 3 Retábulo Mor da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco - Fotografia de Sergio Benutti

Em 3 de janeiro de 1830 a mesa da Ordem deliberou sobre a compra de ouro em Portugal para dourar a obra de talha^{xvii}. O douramento foi contratado com o pintor Antônio Joaquim Franco Velasco na sessão de 29 de maio de 1831 pelo preço de dezoito contos de reis a serem pagos, metade em metal, metade em papel^{xviii}.

O entalhador José de Cerqueira Torres reclamou o último pagamento do restante da obra de talha e a sua gratificação, a mesa deliberou atender o requerimento na sessão de 11 de setembro de 1831, da seguinte forma:

“dous Contos de reis obra feita no Coro, entrando todo onecessario para ella, Cento evinte milreis para moldura das sobreportas Cem milreis do Ninxo que fes para a Capella mór, duzentos milreis para tirar osfilletes das molduras dos quadros que occupão o forro, segundo oplano, que apresentou em Meza o Artista hoje encarregado dapintura de toda a Igreja, assim como mais quatro Centos evinte milreis desua gratificação que lhe Confirio a Meza, pelo disvello com que tratou a Obra da dita Igreja, etodas estas Somas montão em 2:840\$^r.^S tendo a de duzir lhe nesta quantia a de Quatro centos equarenta milreis de Obra que devera fazer no Coro pelo ajuste que tinha feito commo // [f.86v.] sevê pelo Termo que assignou neste mesmo Livro af64, vindo por esta forma esta Ordem arrestar lhe dous Contos, e + quatro centos milr.^S > de reis, que lhe fará bom empagamentos, os quaes já tiverão principio na Meza preterita, como consta da Sua quitação^{xix}.”

No ano seguinte o entalhador apresentou um requerimento acusando que a mesa tinha acordado a pagá-lo a quantia de duzentos mil reis para o retoque do teto da nave, diminuição das molduras e alargamento dos painéis, informou que desempenhou essa tarefa com perfeição e segurança, “confiando no seu zelo e fidelidade”, e que dispendeu nesse trabalho o dobro da quantia estipulada, pois para a maior firmeza da obra fez o travamento de

todo o forro por dentro, prendendo-se aos tirantes, ou linhas de cobrimento, o que demandou um grande consumo de pregaria, madeira e mão de obra, penalizando-o também ter que receber o pagamento em papel-moeda em virtude de ter que distribuí-lo para os operários, o que montou em prejuízo para o mestre. Alegou ter o ministro ordenado o guarnecimento das ombreiras das portas laterais ao arco da capela-mor, “o que foi feito e claustrado com ornatos nos ângulos, e as de dentro da mesma capela demandou zelo e milindre apuro da arte por serem recortadas pelos espelhos do presbitério, ficando no valor de R\$100,00. Pelas razões expostas Cerqueira Torres solicitou à mesa a “caridade e recompensa” que era práxi daquela Ordem^{xx}. A mesa decidiu por despacho em 11 de junho de 1832 pagar ao entalhador duzentos mil reis pela obra do forro, cem mil reis pela guarnição das portas, a serem pagos em papel moeda^{xxi}.



Fig. 4 Retábulo lateral da igreja da Ordem Terceira de São Francisco

Aos 24 de junho de 1833 a Ordem contratou com José de Cerqueira Torres a fatura de castiçais, cruces, ramalhetes e jarras para ornamem os altares, totalizando 77 peças por 308\$000 rs. A serem pagos em metal semanalmente^{xxii}. No ano seguinte a mesa da ordem providenciou a compra de 35 milheiros de ouro para a conclusão do douramento da igreja^{xxiii}.

Em 1834 ajustou-se com o pintor José Rodrigues Nunes a pintura e douramento de 54 castiçais, 4 tocheiros, 7 cruces e 16 jarras^{xxiv}. Em 7 de dezembro desse mesmo ano, o referido pintor foi contratado para pintar a óleo 4 quadros grandes para as paredes da igreja, seis pequenos para as “bocas

dos nichos dos altares”, fingir tela d’ouro no fundo da capela-mor pelo preço total de 750\$000 reis^{xxv}. Nesse mesmo dia o entalhador José Torres é novamente contratado para fazer quatro painéis grandes e sete frontais “faxiados” e entalhados de madeira para os altares, custando os painéis, 120\$ rs. Cada e os frontais por 30\$ rs. Cada, totalizando 690\$000 rs^{xxvi}.

A igreja foi aberta e benta no dia 4 de julho de 1835^{xxvii}. O mestre Torres não mais trabalhou para a ordem, mas uma menção nos documentos da ordem nos informa que em 9 de abril de 1837 foi nomeada uma comissão para examinar o estado da casa à Rua da Alfândega que ocupa a viúva Cerqueira^{xxviii}, casa que pertencia à ordem. Em 25 de março de 1840 a mesa mandou “inquirir a viúva do entalhador José de Cerqueira Torres, afim de ser arrecadado, o estado dos castiçais, cruzes, e ramalhetes encomendados pelo Irº Vigário, por conta dos quais tinha recebido R^s 112\$000^{xxix}”.

Na obra da igreja dos terceiros franciscanos de Salvador, o entalhador José de Cerqueira Torres inaugurou um novo tipo de retábulo, que identificamos como “baldaquino arrematado por cúpula de barrete de clérigo^{xxx}”. Nele não só o arremate era novo, diferente, como os capitéis coríntios das colunas, fugindo da regra baiana de uso dos capitéis compósitos. Esse baldaquino contém seis colunas de fustes retos e canelados inteiramente douradas. Nas impostas frontais exhibe duas esculturas, uma em cada lado, representando a Fortaleza no lado esquerdo e a temperança no lado direito do observador, virtudes importantes para os terceiros franciscanos. As impostas traseiras são arrematadas por um vaso em cada lado.

Os retábulos laterais concebidos para a nave dessa igreja também inovam no tipo. O artista concebeu peças parietais arrematadas por uma tabela, com tímpano e urna flamejante. O tipo difere do retábulo-mor repetindo desse as colunas coríntias inteiramente douradas e o modelo dos pilares. As urnas flamejantes com festões, último arremate desses retábulos só aparecem aí. Do mesmo modo, o motivo decorativo que acentua o centro do tímpano constituído de folhagens que remetem ao formato de uma lira é único e restrito a esse ambiente. A solução dadas as palmetas das impostas dianteiras inferiores e superiores fazem parte do vocabulário da oficina de Torres e não aparecem nas ornamentações das outras igrejas.

O arremate do arco-cruzeiro apresenta uma trama de molduras muito ao gosto da talha baiana oitocentista orlada por volutas fitomórfica côncavas e convexas, com a diferença de que essa trama não é vazada, mas em relevo, destacando-se em fundo branco. No centro há um medalhão com os emblemas da ordem franciscana: no campo dourado do medalhão, as cinco chagas de Jesus em vermelho, dispostas em “X”, acima do medalhão o braço nu de Jesus e o vestido de São Francisco, dispostos em “V” com uma cruz latina ao centro, tudo em dourado.

Os púlpitos são também de fatura única com um tambor de lado encurvados e contrariando a norma baiana, dispensou os elementos vazados, os arremates deles se diferenciam no formato e pela inclusão de símbolos entalhados, o do lado da epístola, aparece duas tábuas dos mandamentos da Lei de Deus, cada uma numerada com o VII e VIII mandamentos, dispostas em diagonal, uma trombeta disposta em diagonal contrária à das tábuas; uma coroa de folhas cinge as tábuas e palmas caem para os lados, com uma cruz latina ao centro arremata todo conjunto. As tábuas aludem aos mandamentos propagados no púlpito; a trombeta, o anúncio do Juízo Final, as palmas refere-se a vitória, ascensão, renascimento e imortalidade para os que seguem a palavra de Deus, e a cruz identifica a fé em Jesus Cristo Salvador^{xxxii}.

Por cima da porta do púlpito do lado do evangelho aparece um triângulo raiado, em meio a nuvens com um olho no centro, o triângulo com olho no centro é símbolo maçônico que significa a “imagem da presença de Deus e de sua onisciência que tudo enxerga”, simboliza a sabedoria da Santíssima Trindade^{xxxiii}.

O padrão das grades concebidas para as tribunas da capela-mor e da nave e do coro se repetem, mas são diferentes de tudo que se realizou nas igrejas baianas no século XIX, exceto por serem vazados.

Como vimos na cronologia da reforma da talha dessa igreja, o antigo forro foi reformado, reforma que consistiu no alargamento dos painéis e na diminuição do volume das molduras, ou seja as protuberantes molduras de gosto barroco foram neoclassicizadas pela diminuição do volume delas. Outro fato curioso foi a preservação nas paredes laterais da nave de dois medalhões pintados com expressivas molduras barrocas douradas e policromadas pertencentes a antiga talha que foi substituída. Um representando uma cena

complexa que alude a anunciação da Virgem pelo anjo, à morte de Cristo na Cruz, tudo com a determinação do Deus Pai. Certamente o conteúdo da pintura contribuiu para isso, ou mesmo um certo conservadorismo dos irmãos da Ordem.

Curioso também é a pouca repercussão desse modelo, ele apenas inspira o retábulo-mor da igreja do Convento de Sta. Clara do desterro executado pelo Capitão Cipriano Francisco de Sousa, que alterou bastante a cúpula tornando-a inteiramente vazada. Não é possível saber se o retábulo-mor que o artista fez para a Igreja de São Pedro Velho repetia ou reinterpretava esse modelo, mas é certo que o modelo deve ter parecido muito severo, muito simples e muito clássico para o gosto baiano.



Fig. 5 Ornatos do teto da capela-mor da igreja da Ordem Terceira de São Francisco - Fotografia de Anibal Gondim

Os florões que ornaram o teto da capela-mor e as laterais do arco cruzeiro são de excelente concepção técnica com soluções estéticas delicadas. Face a todos os elementos que diferenciam a talha da oficina de José Cerqueira Torres ela se filia a talha baiana oitocentista pelos elementos comuns a exemplo da cúpula vazada do retábulo-mor. É verdade que a sua estrutura é mais fechada por conta da configuração dessa cúpula, se comparada à cúpula da igreja de N. Sr. do Bonfim, mas os elementos vazados aparecem.

As marcas comuns são verificadas nas grades de madeira entalhada, que guarnecem tribunas e coro, no uso de volutas de faces retas postas nos ângulos dos pilares dos retábulos, elemento que aparece pela primeira vez no retábulo-mor da Igreja do Santíssimo Sacramento e N. Sra. do

Pilar, concebido pelo entalhador Joaquim Francisco de Matos Roseira e no acento dado aos elementos ornamentais arquitetônicos, além da bicromia, que contrasta os elementos decorativos e partes sensíveis da arquitetura em dourado e os fundos em cor clara: branco ou creme.

É muito provável que o mestre entalhador não tenha programado a colocação dos grandes painéis com molduras expressivas nas paredes colaterais ao arco-cruzeiro, sobre as portas. Porém os terceiros franciscanos devem ter se incomodado com o excesso de espaços vazios, tanto que resolveram também incluir mais dois painéis, um sobre cada porta lateral da nave, cuja má adaptação e sufoco espacial é claramente observável.

O Programa ornamental da igreja dos terceiros franciscanos de Salvador, é sem dúvida uma das obras primoras da talha baiana e brasileira e das mais clássicas no sentido da depuração, limpeza, sobriedade, emprego de ornatos da arquitetura clássica e uma policromia que elimina em grande parte a policromia variada e sedutora do barroco. O fiel passou a ter nesse novo ambiente pausa para a meditação e contemplação, pausa para a contrição e o exercício da razão.

Infelizmente não se preservou a derradeira obra do mestre executada na Igreja de São Pedro Velho, o que nos facultaria a comparação entre as duas obras.

Contudo a obra da igreja dos terceiros franciscanos é suficiente para confirmar a adjetivação de “clássico” e “singelo” o estilo do artista registrada no manuscrito anônimo existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

ⁱ FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. A Talha Neoclássica na Bahia. Rio de Janeiro: Versal, 2006, 560 p. il. p. 97.

ⁱⁱ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Seção de Manuscritos. Noções sobre a procedência da arte da pintura na província da Bahia, s/a, s/d, s/l. 16 f.

ⁱⁱⁱ ALVES, Marieta. Dicionário de Artistas e Artífices na Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Centro Editorial e Didático, Núcleo de Publicações, 1976. 216 p. p. 183.

^{iv}BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1827-1828. ficha datilografada.

^vBCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1835-1836. ficha datilografada.

^{vi}BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1836. ficha datilografada.

^{vii}BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1836. ficha datilografada.

^{viii}BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1836. ficha datilografada.

- ix BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1838. ficha datilografada.
- x BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1838. ficha datilografada.
- xi FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *Op. Cit.* p. 513.
- xii Idem, *ibidem*, p. 514.
- xiii AOTSF. *Livro 3º de Termos de Accordãos, e Resoluções da Meza da V.O. 3ª. de S. Francisco*, 1809.10.04 -1877.12.18, 307 f. f. 60-60 v.
- xiv Idem, *ibidem*.
- xv Idem, *ibidem*, f. 60v.
- xvi Idem, *ibidem*, f. 64-64v.
- xvii Idem, *ibidem*, f. 75v.
- xviii Idem, *ibidem*, f. 84.
- xix Idem, *ibidem*, f. 86-86v.
- xx Idem, *ibidem*, f.88v-89.
- xxi Idem, *ibidem*, f.88v-89.
- xxii Idem, *ibidem*, f. 98 v.
- xxiii Idem, *ibidem*, f. 107v.]
- xxiv Idem, *ibidem*, f. 117 a 117v.
- xxv Idem, *ibidem*, f. 117v.-118.
- xxvi Idem, *ibidem*, f. 118v.
- xxvii Idem, *ibidem*, f. 128v.
- xxviii AOTSF. *Livro 1º de Resumo de Atas da Mesa da V.O. 3ª. de S. Francisco*. 1835.07.12 -1864.06.12, f. 11 - 11v.
- xxix Idem, *ibidem*, f. 30 - 30v.
- xxx FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *Op. Cit.* p. 207.
- xxxi Idem, p. 242.
- xxxii HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994, 393 p. il. (Dicionários EP) p. 264.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALVES, Marieta. *Dicionário de Artistas e Artífices na Bahia*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Centro Editorial e Didático, Núcleo de Publicações, 1976. 216 p.

HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994, 393 p. il.

FREIRE, Luiz Alberto Ribeiro. *A Talha Neoclássica na Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2006, 560 p. il.

Arquivísticas

BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1827-1828. ficha datilografada.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Seção de Manuscritos. Noções sobre a procedência da arte da pintura na província da Bahia, s/a, s/d, s/l. 16 f.

BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1835-1836. ficha datilografada.

BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1835-1836. ficha datilografada.

BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1836. ficha datilografada.

BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1836. ficha datilografada.

BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1836. ficha datilografada.

BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1838. ficha datilografada.

BCUFBA/CEB. OTT, Carlos. Ficha Entalhadores - José de Cerqueira Torres – 1838. ficha datilografada.

AOTSF. *Livro 3º de Termos de Accordãos, e Resoluções da Meza da V.O. 3ª. de S. Francisco*, 1809.10.04 -1877.12.18, 307 f.

AOTSF. *Livro 1º de Resumo de Atas da Mesa da V.O. 3ª. de S. Francisco*. 1835.07.12 -1864.06.12, 197 fls.

Luiz Alberto Ribeiro Freire é doutor em História da Arte pela Universidade do Porto – Portugal, Especialista em Cultura e Arte Barroca pela UFOP, bacharel em museologia pela UFBA e Licenciado em Letras Vernáculas com Francês pela UCSAL. Foi coordenador do PPGAV-EBA/UFBA, leciona História da Arte Brasileira na graduação e Artes Visuais na Bahia na pós-graduação da EBA/UFBA. É vice-presidente do Comitê Brasileiro de História da Arte.